



Universidade de São Paulo

Biblioteca Digital da Produção Intelectual - BDPI

Museu de Arte Contemporânea - MAC

Livros e Capítulos de Livros - MAC

2012

A voz de um fotógrafo

<http://www.producao.usp.br/handle/BDPI/46006>

Downloaded from: Biblioteca Digital da Produção Intelectual - BDPI, Universidade de São Paulo

PREFÁCIO:
A VOZ DE UM
FOTÓGRAFO

Pro
He

TEXTOS ESCRITOS SOBRE
fotografia, já em
negativo-positivo
cículos, do período
vinte e quatro
de princípios do século
fotográfica na
seja do ponto de vista
estava apenas começando.

O advento da fotografia
segunda metade do século
capazes de justificar os
versos foram o resultado
buscaram, em vez de
ção artística. Não foi
por Henry Peach
publicaram livros sobre

Situados em
cipais vertentes da
XIX. O primeiro foi
adepto de uma concepção
diferenciado, e o segundo
Photography for Artists
características da arte
no caso de se tratar de

É possível a arte
que seria retratada

DEDALUS - Acervo - MAC

Prod.
Heloise



21500010943

TEXTOS ESCRITOS POR FOTÓGRAFOS SÃO QUASE TÃO ANTIGOS QUANTO A PRÓPRIA fotografia. Já em 1846 o inventor do primeiro processo fotográfico baseado no sistema negativo-positivo, Henri Fox Talbot, daria início à publicação, na forma de seis fascículos, do primeiro livro ilustrado com fotografias: *The Pencil of Nature*. Composto de vinte e quatro imagens, acompanhadas de pequenos textos, era uma espécie de carta de princípios sobre as potencialidades que o autor vislumbrava para o uso da imagem fotográfica nas mais diversas áreas do conhecimento, seja do ponto de vista prático, seja do ponto de vista estético. Naquele momento a história dos escritos de fotógrafos estava apenas começando.

O advento da fotografia alegórica, da fotografia naturalista e do pictorialismo, na segunda metade do século XIX, iria exigir a explicitação e a defesa dos ideais artísticos capazes de justificar o ingresso do novo meio no fechado sistema de arte da época. Diversos foram os textos produzidos por fotógrafos vinculados a esses movimentos, que buscaram, em vão, a legitimação de uma certa produção fotográfica como manifestação artística. Nesse contexto surpreende-nos ainda hoje a riqueza do debate proposto por Henry Peach Robinson e Peter Henry Emerson, para citar apenas os autores que publicaram livros de maior alcance.

Situados em trincheiras opostas, Robinson e Emerson deram origem às duas principais vertentes que iriam formar a estética pictorialista, a partir do final do século XIX. O primeiro foi defensor de imagens intensamente manipuladas e o segundo se fez adepto de uma fotografia de cunho naturalista que, mesmo recorrendo ao uso do foco diferenciado, era isenta de intervenções extra-fotográficas. Em seu livro *Naturalistic Photography for Students of Art*, publicado em 1889, Emerson chama atenção para as características peculiares da fotografia e para a necessidade de elas serem ressaltadas, no caso de se querer produzir obras de arte.

É possível afirmar que os escritos de Emerson lançaram as sementes da discussão que seria retomada anos mais tarde pelos fotógrafos vinculados à *Straight Photogra-*

phy, de uma maneira geral, e por Paul Strand, em particular. Já em 1917 o fotógrafo norte-americano publicaria o seu primeiro texto, no qual iria abordar a questão da especificidade, radicalizando uma posição contrária a qualquer tipo de intervenção. Como nos mostra Regina Maurício da Rocha, a plena consciência histórica acerca da fotografia, o esforço de entendimento do campo no qual pretendia legitimar a sua produção e a defesa de uma estreita relação entre arte e vida são algumas das características desse texto, que viria a ser o precursor de uma extensa reflexão escrita pelo autor ao longo de sua trajetória.

A *Poética Fotográfica de Paul Strand*, livro que o leitor agora tem em mãos, elege como seu objeto não exatamente o fotógrafo, nem exclusivamente a sua fotografia, mas a complexa articulação entre teoria e práxis, que dá suporte não só a um dos trabalhos de ruptura formal mais originais da empreitada vanguardista do início do século xx, como também à sua superação em prol de uma fotografia impregnada da experiência humana, naquilo que ela tem de particular e, ao mesmo tempo, universal.

Para dar conta do desafio a que se propôs, Regina Maurício da Rocha conduz o leitor pelo pensamento de Paul Strand, mapeando os múltiplos referenciais teóricos que embasaram seus textos, sejam eles advindos da arte, da literatura, da filosofia, do cinema, da política ou da própria fotografia. Além disso, a autora reconstrói a genealogia de alguns dos termos recorrentes no discurso de Strand e dos integrantes de seu círculo intelectual, dentre os quais podemos citar a tão propalada objetividade, meta de toda uma geração de fotógrafos de vanguarda, nem sempre bem compreendida.

Emerge desse universo um rico panorama da história da cultura norte-americana, pelo viés da fotografia, pois ao nos permitir acompanhar o percurso do pensamento de Strand, desde seus primeiros experimentos formalistas, passando pela produção que se fundamenta em suas convicções políticas de esquerda, até chegar aos seus anos de maturidade, Regina nos mostra que as inquietações do indivíduo são indissociáveis das preocupações libertárias de uma parcela significativa de seus contemporâneos. A autora nos faz ver que para Paul Strand pensar a fotografia é também pensar o passado, o presente e o futuro de seu país, num período marcado pelas profundas transformações sociais que caracterizaram a primeira metade do século xx.

A história da fotografia costuma nos oferecer um vasto repertório imagético, que pouco ou nada nos revela do pensamento dos fotógrafos que produziram as imagens. É como se as fotografias tivessem uma existência autônoma e sua finalidade última fosse compor uma narrativa transcendente às suas condições materiais de produção. É, portanto, na contramão desse tipo de abordagem que este livro nos conduz. Escrito no início da década de 1990, na forma de uma dissertação de mestrado, buscou dar voz a um fotógrafo praticamente desconhecido entre nós naquela ocasião.

Passados vinte anos, as oportunidades de acesso à obra de Paul Strand transformaram-se completamente por meio da rede mundial de computadores, da maior oferta de publicações importadas no país e da vinda recente ao Brasil de uma mostra retrospectiva da produção do fotógrafo. Esta nova situação só vem confirmar a atualidade da

publicação do livro *A Poética Fotográfica de Paul Strand*, bem como a originalidade de sua proposta. Lembremos que a fotografia já se consolidou como uma área de pesquisa acadêmica entre nós, o que garante espaço para abordagens mais aprofundadas de questões que até duas décadas atrás não chegavam sequer a despontar em nosso horizonte.

Hoje, mais do que nunca, as reflexões deste livro podem encontrar interlocutores atentos, aptos a perceber nos escritos de fotógrafos o potencial de revigorar nossas frágeis certezas sobre como construir a história da fotografia.

Helouise Costa

MAC-USP